

1

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL

- GRUPO BASE DE CURRÍCULO -

Extraído do livro "Psicologia Educacional"
de George J. Meuly.

NECESSIDADES PSICOLÓGICAS

"Enquanto as necessidades fisiológicas são geralmente satisfeitas, de maneira que tem importância relativamente pequena na determinação do comportamento, as necessidades psicológicas são determinantes significativos do comportamento, pois nunca são inteiramente satisfeitas. Se uma pessoa pode alimentar-se até o ponto em que não deseja tocar em outro prato, nunca pode ter todo o amor, toda a segurança, toda a aprovação social que desejaria receber. Na realidade, como as necessidades psicológicas estão sujeitas à aprendizagem, são relativamente autoperpetuadoras. Dessa maneira, logo depois de estar feliz por ter sido promovido a diretor regional, o indivíduo começa a estar infeliz por ainda não ser presidente da companhia. As necessidades psicológicas são muito importantes por não permitirem satisfação completa.

Ainda aqui, a classificação de tais necessidades é, até certo ponto, uma questão de preferência pessoal. Vamos dividi-las de acordo com os itens abaixo apresentados.

NECESSIDADE DE AFEIÇÃO: todos desejam viver numa relação de afeição recíproca com uma ou mais pessoas, e a criança média tem, pelo menos, uma segurança mínima contra a frustração total dessa necessidade, no amor de seus pais e irmãos. Mais tarde, o amor da família já não é suficiente, e quase sempre o indivíduo procura ampliar esse domínio, a fim de incluir alguns amigos íntimos e companheiros, depois uma namorada, e finalmente esposa e família. No entanto, deve-se compreender que muitas crianças, entre as quais algumas que vivem com seus pais, não tem sequer o amor familiar, e sentem-se totalmente rejeitadas.

NECESSIDADE DE SER ACEITO: estreitamente ligada à necessidade de afeição encontramos a necessidade de ser aceitável e ser uma pessoa aceita num grupo. A maioria das crianças encontra satisfação para esta necessidade, no lar e talvez na escola, seja na sala de aula, seja no recreio. Todavia, a natureza do grupo em que encontram aceitação é de pouca importância, e podem obter igual satisfação ao pertencerem a um grupo de desordeiros. De outro lado, a escolha do

grupo é, quase sempre, consistente com o senso de valores do indivíduo, e por isso tem uma influência direta em seu futuro ajustamento, tanto social quanto pessoal. Por isso, os adultos, sobretudo os professores, precisam ter cuidado especial para tornar a aceitação, por grupos desejáveis, uma tarefa possível para todas as crianças, a fim de impedir que procurem aceitação em grupos menos desejáveis.

A necessidade de afeição e a de ser aceito são, muitas vezes, a grupadas sob o título de segurança emocional, cuja importância é universalmente reconhecida, sobretudo para o período da primeira infância. Os psicólogos se convencem, cada vez mais, de que a segurança emocional, proporcionada à criança nos seus primeiros anos de vida, é de importância decisiva na determinação dos ajustamentos que realiza em anos posteriores. O nenê não tem recursos para saber porque não recebe mamadeira, ou porque não é carregado quando chora; só é capaz de temer o pior. Precisa ser capaz de depender de seu mundo, de saber que as pessoas responsáveis por ele não o abandonarão.

Algumas pessoas tem a idéia errada de que, se damos tudo ao nenê, nós o "mimamos". Essa idéia é ilógica; equivale a temer que a criança, se recebe todo alimento de que precisa, se tornará gulosa, incapaz de controlar-se. A experiência nos diz que a criança que nunca sabe quando terá a próxima refeição ou qual a sua quantidade é que come demais, com medo de não ter o suficiente. Da mesma forma, a criança insegura, que não sabe se é aceita ou não, torna-se "mimada". Está desesperada por que não sabe se suas necessidades serão satisfeitas ou não, e por isso se torna exigente.

Em vez de tornar a criança mimada e incapaz de enfrentar dificuldades, criá-la em ambiente de segurança emocional e aceitação, aumenta sua tolerância à frustração. Moloney (269), por exemplo, indica a extraordinária estabilidade do povo de Ikinawa; embora tenham, como crianças, uma liberdade desconhecida em nossa cultura, são capazes de enfrentar as dificuldades da guerra (onde se inclui a fome), assim como tufões e doenças apavorantes, como lepra e elefantíase, sem apresentarem delinquência, dificuldades psicossomáticas e mantendo um índice muito baixo de psicose. Antes que a criança possa aventurar-se a explorar lugares desconhecidos, a assumir responsabilidades, a fazer contribuição pessoal, precisa estar certa de que, se falhar, sua posição não está ameaçada. Precisa de segurança em seu grupo. Depois de desenvolver essa se

gurança, pode estar aberta à crítica e não ter receio desta ou do fracasso e, portanto, pode não ter medo de ampliar o seu raio de ação. Somente então pode enfrentar diretamente seus conflitos, e empregar todas as suas capacidades para superá-los, em vez de evitá-los e ser perseguido por eles, que continuam a interferir em seus esforços.

Indiscutivelmente, a tarefa de desenvolvimento da primeira infância é a criação de segurança emocional. A criança precisa ser educada num ambiente emocionalmente estável e consistente, no qual tenha experiência de a aceitação e amor incondicionais. Sob tais condições, pode exprimir seus sentimentos, sem medo e sem culpa, de forma que não existe necessidade de fuga, repressão, hostilidade ou ressentimento. Quanto mais jovem a criança, maior a sua necessidade de segurança; algumas pessoas, por exemplo, acreditam que as vantagens, de um ponto de vista psicológico, de manter recém-nascidos no quarto da mãe, no hospital, são mais importantes que o perigo possível de infecção. De maneira semelhante, alguns psicólogos defendem a amamentação ao seio como forma de desenvolver segurança emocional na criança; todavia, Orlansky (287), não verificou diferenças quanto à segurança de crianças alimentadas ao seio ou pela mamadeira, e sugeriu que, provavelmente, a atitude e a maneira de amamentar tem mais importância que uma forma ou outra. Evidentemente os hospitais conhecem a importância da segurança emocional, sobretudo no caso de crianças hospitalizadas por períodos muito longos; na realização, há alguns anos atrás, a atmosfera impessoal dos hospitais era responsável por uma mortalidade de quase 100%, entre crianças pequenas hospitalizadas por longos períodos (18). Nos hospitais modernos a acentuação de "Tratamento com Amor" é uma tentativa de contrabalhar os maus efeitos da privação emocional de doentes, por causa de sua hospitalização.

Verificaram-se diferenças nítidas de personalidade, ligadas ao tratamento emocional recebido durante a primeira infância; acredita-se, por exemplo, que o tratamento afetuoso de nenês conduza ao desenvolvimento de uma personalidade desembaraçada, generosa e confiante, enquanto as crianças criadas na atmosfera fria de orfanatos são, frequentemente, frias e incapazes de ligações emocionais intensas. A privação emocional também apresenta consequências em outras áreas do desenvolvimento, Goldfarb (140, 141) verificou que as crianças de instituições onde são muito limitadas as expressões de afeição são

limitadas quanto ao tipo de liberdade intelectual que talvez esteja ligado à capacidade criadora e à abstração. Estudos como os de Spitz (359) e Widdwson (418) que serão discutidos no próximo capítulo, sugerem (que o bem-estar emocional também exerce uma influência nítida no crescimento físico).

A importância da segurança emocional fez com que se desse gran *
de atenção à posição no lar. Entre outros foram realizados vários estudos sobre lares desfeitos. A Conferência da Casa Branca sobre Crianças e Jovens, em 1950 (416), notou que quase 5% das crianças não vive com nenhum dos pais, e quase o dobro desse número vive com apenas um dos pais. É natural supor que o lar desfeito, em si mesmo, não exerça uma influência tão devastadora, do ponto de vista da segurança emocional da criança, quanto à atmosfera de tensão emocional e de animosidade que, frequentemente se cria com a dissolução do lar. É também possível que o lar em que os pais não estão realmente casados, mas apenas não-divorciados, pode ter uma influência tanto ou mais perni
ciosa sobre a criança. Mas também não se deve concluir que o lar estável a-
presente, invariavelmente, uma base de segurança para a criança; em muitas famílias, a necessidade de segurança da criança é frustrada pela rivalidade en
tre irmãos, por más relações familiares, tais como o autoritarismo, por dis
ciplina excessivamente severa, excessivamente livre ou inconsistente, ou ain
da por superproteção e outras condições indesejáveis.

Foram também realizados estudos sobre a influência do trabalho das mães na segurança da criança. Pelo menos em um estudo (283), verificou-se que havia melhores relações entre os pais e os filhos adolescentes quando a mãe tinha um trabalho de tempo parcial fora de casa, do que quando trabalhava o tempo todo ou não trabalhava; todavia, a interpretação de tais dados exigiria mais informação a respeito das mães dos três grupos comparados, as
sim como as condições que exigiram o trabalho fora do lar. Evidentemente, o estudo não supõe que uma forma de melhorar as relações entre pais e filhos seja conseguir trabalho em tempo parcial fora de casa; mostra, apenas, a necessidade de ter cuidado com respostas evidentes para problemas complexos.

* A criança também precisa encontrar segurança na situação de sala de aula. Existe necessidade de um horário cuidadosamente planejado, embora não rígido, no qual cada criança tenha um lugar, e necessidade de limi
tes claramente definidos, dentro dos quais a criança deve atuar. Os limites

são especialmente necessários no caso da criança que vem de um lar autoritá-
rio, e que tem maior tendência para sentir-se insegura, diante de grande am-
plitude de liberdade na sala de aula. *

NECESSIDADE DE REALIZAÇÃO: todos gostam de sentir que são capazes de reali-
zar o que planejaram fazer, e de sentir que suas realizações são valiosas.
Esta necessidade está intimamente ligada a êxito, fracasso e aspiração, que
serão discutidos no capítulo sobre motivação. Esta também está intimamente
ligada a outras necessidades, tais como aceitação social, auto-estima, e pro-
vavelmente grande parte de sua potência deriva de condicionamento, através
da acentuação dada pelos pais às primeiras realizações da criança.

Frequentemente, as escolas tornam difícil, para algumas crian-
ças, a satisfação de sua necessidade de realização. Para a criança pouco in-
teligente, está relativamente distante a possibilidade de resolver todos os
problemas propostos, de obter boas notas, de escrever uma obra prima de lin-
guagem. Embora menos evidente, é também verdade que as escolas, muitas vezes,
tornam difícil para a criança bem dotada, a obtenção de sentido de realiza-
ção. A maior parte do trabalho escolar é, para ela, tão infantil, que não ob-
tém mais sentido de êxito, por realizá-la, do que a dona de casa ao esten-
der a roupa da família no varal. A criança deseja alguma coisa que desafie su-
as capacidades, que apresente realização real; em vez disso, ao atender às
exigências da escola, obtém apenas a satisfação de ter vencido um outro dia
e de estar mais próxima do dia em que será chamada a fazer não sabe o que,
mas talvez seja a mesma coisa, novamente! Nossas escolas precisam e podem
tornar-se mais vitais e dinâmicas para as crianças de inteligência média, su-
perior ou inferior; já é tempo de nossos professores darem atenção à diver-
sidade de instrução e tarefas, de forma que todas as crianças na sala de au-
la sejam desafiadas em seu nível de capacidade e experiência. Nossas escolas
precisam criar, em seus currículos, um equilíbrio adequado, entre facilidade
que não apresenta desafio e dificuldade que frustra.

NECESSIDADE DE INDEPENDÊNCIA: as pessoas desejam ser capazes de governar suas
vidas, de estabelecer suas intenções, sem interferência e sem obrigação exter-

* Assim como a criança que vem de lar democrático pode sentir-se muito angus-
tiada diante de controle autoritário.

na. Isso é especialmente verdadeiro nos Estados Unidos, onde a independência tende a ser um ideal, mas é talvez relativamente básico em qualquer parte. Como já se disse antes, a criança deseja alimentar-se sozinha; até o nenê protesta quando é muito preso. Especialmente os adolescentes ressentem a di reção dos outros. E os adultos fazem a mesma coisa! No entanto, parecem esquecer isso, quando lidam com crianças; muitas vezes, esquecem a dignidade das crianças e pretendem submetê-las a um tratamento muito autoritário e até ditatorial. Depois, perguntam por que é que tantas se revoltam, seja de forma mais subtil, através de falta de cooperação ou de delinquência. As escolas tendem a ser super-regulamentadas; as crianças não devem chegar nem antes, nem depois de certa hora; precisam entrar na escola depois do toque da cam painha; durante todo o dia, devem mudar de atividade, de acordo com as or dens do professor. Mesmo o período de recreio é, muitas vezes, tão organizado, que as crianças precisam fazer o que os professores mandam. Evidentemente, as escolas não podem suportar o caos e a confusão, mas as crianças precisam de uma oportunidade para crescer. Isso exige que se libertem de super -proteção e organização desnecessária, e que assumam uma responsabilidade crescente, para fazer e realizar os seus planos.

NECESSIDADE DE ACEITAÇÃO SOCIAL: esta necessidade, às vezes denominada neces sidade de status ou de aprovação, refere-se ao desejo, aparentemente universal, de sentir que o que fazemos e somos é aprovado pelos outros. No caso das crianças, -- como grande parte de sua vida gira em torno do trabalho realizado na escola, -- a satisfação dessa necessidade está, em grande parte, nas mãos do professor e dos administradores escolares, e os professores precisam estar cientes de sua responsabilidade. Isto é especialmente necessário na escola primária, em que o professor não apenas é a única pessoa a dar reconhecimento social, mas também apresenta o padrão para outras crianças, nas classes seguintes.

A necessidade de aceitação social resulta provavelmente, em grande parte, do condicionamento que a criança obtém através do elogio de seus pais, quando satisfaz às suas expectativas, e por sua vez é de importân cia fundamental na formação do caráter e no desenvolvimento de atitudes com relação a si mesmo. Também desempenha um papel fundamental na orientação do indivíduo com relação ao comportamento socialmente aceito, geralmente com benefício para si e para a sociedade. De outro, uma necessidade muito forte

de aceitação social tendo a provocar a escravização do indivíduo, até o ponto em que, não apenas não faz a sua melhor contribuição, mas também aumenta a possibilidade de sua rejeição, e a necessidade de maior conformismo cego, como forma de obter aprovação. Isso é especialmente verdade no caso de adolescentes, para os quais a aprovação dos companheiros se torna tão importante que provoca um conformismo quase completo em questões de roupas, hábitos, etc; quanto mais inseguros, mais se preocupam com as reações dos outros. Uma excessiva necessidade de aceitação também ocorre, geralmente, no caso do seguidor fiel, assim como na obrigação, sentida pela pessoa normal, de "ser como os outros." De outro lado, o fracasso contínuo, na obtenção de reconhecimento pelas "pessoas importantes" da ordem social, pode levar o indivíduo a deixar de procurar a sua aprovação, e mostrar seu ressentimento através da delinquência e de outras formas de comportamento inaceitável.

NECESSIDADE DE AUTO-ESTIMA: a necessidade de sentir que o que somos e fazemos está de acordo com nossos padrões, liga-se intimamente, não apenas às outras necessidades acima discutidas, mas também ao autoconceito e ao nível de aspiração, que serão depois discutidos. O que pensamos de nós mesmos gira em torno de nosso sentido de valores, nossos padrões do certo e do errado, do adequado e do inadequado. Se nossas experiências passadas nos levaram a valorizar a erudição, a moralidade ou as boas maneiras, o fracasso nesses campos tende a provocar frustração de nossa necessidade de auto-estima; imagine, por exemplo, o episódio de redução do ego, quando a dona de casa espirra molha na roupa do hóspede de honra.

Um aspecto interessante da necessidade de auto-estima é o fato de depender do sistema de valores do indivíduo, adquirido durante o processo de socialização, através do qual a sociedade procura perpetuar sua forma de vida. Na medida em que a sociedade consegue fazer com que a criança interiorize seus valores e padrões, esta se torna incapaz de violar o código social sem automaticamente frustrar seu sentido de auto-estima, isto é, sem criar sentimentos de culpa. Ao contrário, se a sociedade não consegue fazer isso, a criança pode violar o código social sem ter sentimentos de culpa; sua única preocupação é não ser apanhada e, se consegue evitar a condenação, pode ter, na realidade, sentimento de orgulho e auto-estima, provocado pela sua argúcia.

Além disso, as pressões sociais conflituais fazem, frequentemente, com que o indivíduo desenvolva um sentimento contraditório de valores; pode, por exemplo, interiorizar a desaprovação social da luta e da covardia; isso lhe deixa pouca escolha em certas situações, e é levado a sentir conflito com relação a um ou outro dos valores.

! * ! * ! * ! * !
*** *** *** *** ***

(Transcrito de publicação do MEC --
Centro Bras. de Pesquisas Educ. -- INEP--
Curso de Formação de Professores de Prá-
tica de Ensino -- GB --
Fundamentos Psicológicos --
Profa. Leny Wernek Dornelles --)

Ncb.

Prong
04/07/78
Wendel